

DITONGAÇÃO x MONOTONGAÇÃO NO FALAR DE FORTALEZA

Maria do Socorro Silva de Aragão
Universidade Federal do Ceará - UFC

1. Introdução

Ao analisar material do falar de Fortaleza, colhido pela pesquisa do Dialeto Social Cearense - DSC, percebemos a grande ocorrência de ditongação e, paradoxalmente, de monotongação, em posições onde elas não existem tradicionalmente.

Num primeiro momento, pode-se pensar numa variação diatópica, marcando a região cearense ou mesmo nordestina. Contudo, ao analisarmos trabalhos semelhantes realizados em outras regiões do país, constatamos a ocorrência dos mesmos fenômenos nessas regiões, donde se pode descartar a hipótese de variante regional.

Percebe-se, ainda, que todos os trabalhos realizados utilizam *corpora* de linguagem popular, o que marcaria uma variação diastrática e não diatópica.

A dúvida seria, então, em que nível se dá a ditongação e a monotongação e que fatores lingüísticos e extra-lingüísticos são responsáveis por essas variações.

2. Ditongo, Ditongação, Monotongo e Monotongação

2.1. Ditongo

O ditongo é um dos elementos lingüísticos existentes nas línguas de modo geral e sua existência na língua portuguesa é registrada desde o latim até nossos dias. O latim clássico possuía quatro ditongos [ae], [oe], [aw] e [ew]. Esses ditongos latinos seguiram dois caminhos diferentes na passagem para o português: ou se ampliaram em novos ditongos ou se monotongaram.

A língua portuguesa possui, atualmente, em condições normais 36 ditongos, sendo 15 decrescentes e 21 crescentes, do seguinte modo:

2.1.1. Decrescentes

2.1.1.1. Orais: [ay, Ey, ey, y, oy, uy, aw, Ew, ew, iw]

2.1.1.2. Nasais: [ãy, ãy, õy, ãw]

2.1.2. Crescentes

2.1.2.1. Orais: [ya, yE, ye, yi, y , yo, yu, wa, wE, we, wi, w , wo, wu]

2.1.2.2. Nasais: [yã, yẽ, yõ, wã, wẽ, wĩ, wõ]

Essa classificação de ditongos, em crescentes e decrescentes tem gerado muitas discussões e alguns estudiosos chegam a dizer que a língua portuguesa não tem ditongos crescentes mas apenas decrescentes, como Câmara Jr.(1979:54) ao dizer que os verdadeiros ditongos em português são os decrescentes; os crescentes variam livremente com o hiato (suas) /suas/.¹

Tal idéia é também defendida por Bisol (1991:56) quando diz que o português não tem ditongos crescentes usando como principal argumento para essa afirmação o fato de que o glide, na seqüência GV, normalmente está em variação livre com a vogal homorgânica, dizendo que o ditongo crescente é, pois, sempre resultado de ressilabificação.²

Para ela a seqüência glide-vogal é o resultado da ressilabificação pós-lexical, ou seja, os ditongos crescentes não fazem parte do inventário fonológico do português, e surgem da fusão de rimas de suas sílabas travadas, enquanto VV é uma sílaba aberta.

A alternativa VV é considerada melhor, a partir dos seguintes argumentos:

- a) o “r” apresenta-se como forte depois de uma sílaba travada: Is [r]ael, hon[r]a, mas não depois de ditongo: au[r]ora, eu[r]opeu, portanto a sílaba com ditongo não é travada.
- b) A facilidade com que se passa de um ditongo para um monotongo /c[ay]xa, c[a]xa, a variação livre da divisão silábica na seqüência átona de vogal + vogal alta (vai-da-de – va-i-da-de) ou mesmo a fácil passagem de /i/ assilábico para [e] em papa[e], evidenciam, segundo Câmara Jr. Que os dois elementos estão ligados ao núcleo: (alternativa VV).

Couto (1994: 130-131) rebate essa idéia, mostrando que *há casos em que é indubitável a existência de ditongos crescentes que não estão em variação livre com hiatos, ou seja, com os dois segmentos dominados por um só núcleo...*, dando uma série de exemplos que comprovam essa afirmação: *idéia, meia, bóia, apoio e tapuia*.³

Aqui, consideramos, a partir do nosso *corpus*, que há ditongos crescentes, embora em menor número e em menor quantidade de realização que os decrescentes.

A partir dessas discussões os ditongos são divididos de modos diferentes, de acordo com os autores: em verdadeiros e falsos, em estáveis e variáveis, em pesados e leves, em fonéticos e fonológicos, dependendo se têm valor distintivo, logo, fonológicos, como em / ‘ma / ‘maw/ ou se são apenas realizações diferentes de um mesmo grupo vocálico pronunciado na mesma sílaba, como em [‘kayΣa - ‘kaΣa]

Assim, os chamados ditongos verdadeiros, estáveis ou pesados, são fonológicos e os falsos, variáveis e leves, são fonéticos.

¹ CÂMARA JR. J.M. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979, p. 54.

² BISOL. L.O ditongo em português. *Boletim da ABRALIN*, n. 11, p. 51-58, jun.1991, p.56.

³ COUTO, H. H. Ditongos crescentes e ambissilabidade em português. *Letras de Hoje* 98, p. 129-141, 1994.

2.2. Ditongação

A ditongação, ao que tudo indica, é um fenômeno essencialmente fonético causado por necessidades eufônicas, não tendo, assim, existência no sistema da língua, mas em sua realização na fala.

A partir disso, está à mercê das variações de todos os tipos, das puramente lingüísticas, ligadas ao contexto fonético imediato, anterior ou posterior, à velocidade de elocução, ou tamanho da palavra, por exemplo, às sociolingüísticas, especialmente ao nível ou registro de fala.

Ao definir a ditongação Xavier e Mateus (s.d.: 123) dizem que ela é a:

Transformação de uma vogal em ditongo: um segmento vocálico desdobra-se em dois segmentos, isto é, produz-se um processo de diferenciação tímbrica (ou ditongação) no interior de uma semivogal em posição pré ou pós vocálica.⁴

Ao tratar dos casos de ditongação na língua portuguesa moderna Câmara Jr. Diz que:

No português moderno deve-se a ditongação em dois casos: 1. vogal tônica em hiato, quando a) média anterior com o desenvolvimento de um ditongo /éy/ ou /êy/, indicando na grafia moderna (idéia, veia); b) média posterior fechada com o desenvolvimento de um ditongo /ôw/ não indicado na grafia e inexistente nas zonas dialetais em que houve a monotongação do ditongo /ôw/ - boa – bôwa. 2. Dialetalmente, pela vogal tônica final travada por /s/ pós-vocálico, com o desenvolvimento dos ditongos de pospositiva /y/, pás, és, fez, sós, flux, cãs, pronunciadas / pays, feys, sóys, fluys. Dá-se então a neutralização da oposição entre ditongo e vogal simples, desaparecendo a distinção, no caso 2, por exemplo – pás e pais; sós e sóis, flux e fluís, cãs e cães.⁵

2.3. Monotongo

O termo monotongo não é usado com muita frequência, a não ser quando se trabalha com a monotongação. Alguns autores se referem a ele quando tratam de monotongação e/ou ditongação, para mostrar o processo de redução do ditongo que perde sua semivogal e passa a uma vogal simples, neste caso, monotonga-se, ou ao caso da vogal simples, monotongo, que se espraia num ditongo.

Para Hartmann e Stork (1976:144), monotongo é:

⁴ XAVIER, M.F. et MATEUS, M.H.M. *Dicionário de termos lingüísticos*. V. I. Lisboa: Cosmos, s.d., p. 123.

⁵ CÂMARA JR. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 100

*A single vowel sound with no change in quality from the beginning to end of its production, as opposed to diphthong.*⁶

O monotongo é uma vogal pura, no dizer de Crystal (1980:230). Para ele monotongo é:

*...term used in the PHONETIC classification of vowel on the basis of their MANNER OF ARTICULATION: it refers to a vowel (A PURE VOWEL) where there is no detectable change in quality during a SYLLABLE...*⁷

2.4. Monotongação

Em direção contrária à ditongação, a monotongação é vista como uma redução do ditongo à vogal simples ou pura, por um processo de assimilação completa, no dizer de Xavier e Mateus, também tem sido estudada dos mais diferentes pontos de vista, ora como uma variação fonética, de facilidade de articulação, ora como uma marca sociolinguística e dialetal.

A monotongação é, segundo Trask (1996:226):

*Qualquer processo fonológico no qual um ditongo é convertido em monotongo.*⁸

Câmara Jr. ao falar sobre monotongação reforça seu caráter puramente fonético ao mostrar que apesar do ditongo ser monotongado, na grafia ele permanece. Em suas palavras, monotongação é:

*Mudança fonética que consiste na passagem de um ditongo a uma vogal simples. Para pôr em relevo o fenômeno da monotongação chama-se, muitas vezes, monotongo, à vogal simples resultante, principalmente quando a grafia continua a indicar o ditongo e ele ainda se realiza numa linguagem mais cuidadosa. Entre nós há, nesse sentido o monotongo ou /ô/, qm qualquer caso, e ai /a/, ei /ê/ diante de uma consoante chiante (p)ouca, (b)oca, (c)caixa, como acha, (d)deixa, como fecha.*⁹

3. A Ditongação e Monotongação em Fortaleza

Ao analisarmos o *corpus* do projeto Dialetos Sociais Cearenses, percebemos a tendência, que um *corpus* mais amplo poderá confirmar ou não, do uso da ditongação e da monotongação pelos falantes do português não-padrão da cidade de Fortaleza, Ceará.

A análise aqui apresentada foi feita com uma amostragem de seis entrevistas. Nela, procuramos descrever e analisar a realização de vogais puras que se ditongam e de ditongos que se monotongam, correlacionar esses fenômenos com os contextos linguísticos em que

⁶ HARTMANN, R.R.K. et STORK, F.C. *Dictionary of language and linguistics*. London: Applied Science Publishers, 1976, p. 144.

⁷ Crystal, D. *A first dictionary of linguistics and phonetics*. London: André Deutsch, 1980, p. 144.

⁸ TRASK, R.L. *A dictionary of phonetics and phonology*. London/New York routledge, 1996, p. 226.

⁹ CÂMARA JR. op. cit. p. 170

foram produzidos, e, de forma ainda não tanto profunda, estudar as implicações sociolinguísticas de tais usos.

3.1. O *Corpus* da Pesquisa

O *corpus* utilizado para a pesquisa “DITONGAÇÃO x MONOTONGAÇÃO NO FALAR DE FORTALEZA” é, como frisamos anteriormente, o colhido pela pesquisa “Dialeto Sociais Cearenses” e foi obtido através de entrevistas, conversas espontâneas e interação médico-paciente. A amostra relativa às entrevistas foi organizada de acordo com a metodologia variacionista, levando em consideração as seguintes variáveis:

3.1.1. Localidades: Bairros de Fortaleza

a) Serrinha; b) Maracanaú; c) Parquelândia; d) Montese; e) Conjunto Esperança; f) Nova Assunção; g) João XXIII; h) Damas; i) Quintino Cunha; j) Ellery l) Henrique Jorge.

3.1.2. Sexo: a) Masculino; b) Feminino.

3.1.3. Faixa Etária: a) 10-11 anos - (início da vida escolar - séries iniciais do 1º Grau);

b) 14-15 anos - (término do 1º Grau - 5ª a 8ª séries); c) 18-25 anos - (término do 2º Grau e início da integração no mercado de trabalho); d) 37-43 anos - (integração ao mercado de trabalho).

3.1.4. Grau de Instrução: a) analfabeto; b) Primário; c) Ginásio; d) 2º Grau.

3.1.5. Classe Social:

1. Classe Social B (média): a) Tem casa própria confortável; b) Tem carro; c) Lê jornal, revista; d) Tem alguma atividade intelectual; e) Renda familiar acima de 5 salários mínimos.

2. Classe Social C (baixa): a) Não tem casa própria; b) Não tem carro; c) Não lê jornal, revista; d) Não tem atividade intelectual; e) Renda familiar até 3 salários mínimos.

Das entrevistas transcritas e que fazem parte do banco de dados publicado sob o título “*A Linguagem Falada em Fortaleza - Diálogos Entre Informantes e Documentadores - Materiais para Estudo*”, pela Universidade Federal do Ceará, utilizamos como amostragem para este trabalho apenas seis entrevistas.

3.2. A Amostragem Analisada

A amostragem aqui analisada é constituída do seguinte modo:

a) Informante: 06

- Sexo: 03 feminino; 03 masculino
- Faixa Etária: 02 de 10 a 11 anos; 02 de 14 a 15 anos; 02 de 18 a 25
- Grau de Instrução: 02 de Primário; 02 de Ginásio; 02 de 2º grau completo
- Classe Social: 02 de Classe C; 02 de Classe B

3.3. O Uso da Ditongação com a Semivogal [j] no Falar de Fortaleza

Para nossa análise partimos dos seguintes parâmetros:

- a) Tipo de vogal que se ditonga
- b) contexto posterior
- c) tonicidade
- d) extensão da palavra
- e) registro

A partir desses parâmetros chegamos aos seguintes resultados:

- a) Todas as vogais orais: **a**, **E** e , **i** , **o**, **u** e as nasais **ã**, **ẽ**, **õ**, ditongam-se no falar de Fortaleza, como nos exemplos:

- / a / “paz” [‘pajs]
- / E / “pés” [‘pEjs]
- / e / “fez” [‘fejs]
- / i / “quis” [‘kijjs]
- / / “nós” [‘n jjs]
- / o / “arroz” [‘a lojjs]
- / u / “luz” [‘lujjs]
- / ã / “rãs” [‘lãjjs]
- / ẽ / “bem” [‘bẽjjs]
- / õ / “bom” [‘bõjjs]

- b) O contexto posterior que determina a ditongação é o dos fonemas / s e z / como nos exemplos:

- “faz” [‘fajjs]
- “mês” [‘mejjs]
- “pôs” [‘pojjs]
- “arroz” [a lojjs]

- c) A sílaba tônica é a que facilita a ditongação, como nos exemplos:

- “rapaz” [|a’pajjs]
- “bem” [‘bẽj]
- “estás” [iΣ’tajjs]
- “francês” [fPã’sajjs]

- d) A extensão da palavra também é outro fator decisivo para a ditongação. Palavras monossilábicas e dissilábicas são as que mais se ditongam, como nos exemplos:

- “três” [‘tPejjs]
- “mês” [‘mejjs]
- “feroz” [fE’P jjs]
- “rapaz” [|a’pajjs]

- e) O nível ou registros que mais favorece a ditongação é o coloquial, informal, familiar, mesmo com informantes de melhor escolarização.

3.4. O Uso da Monotongação no Falar de Fortaleza

Para nossa análise partimos dos seguintes parâmetros:

- a) contexto posterior
- b) extensão da palavra
- c) tipo de registro

Seguindo esses parâmetros vimos que, quanto à monotongação, o falar de Fortaleza, apresenta as seguintes características:

- a) Contexto posterior

Os fonemas consonantais, / Σ , Z, P / em posição posterior ao ditongo, facilitam sua monotongação, como nos exemplos:

- “baixa” [‘ba Σ a]
- “paixão” [‘pa Σ ãw]
- “feijão” [‘feZãw]
- “queijo” [‘keZu]
- “touro” [‘toPu]
- “deixar” [de’ Σ a]
- “feira” [‘fePa]

- b) Extensão da palavra

Quanto maior o número de sílabas na palavra, mais a monotongação ocorre, como, nos exemplos:

- “brasileira” [brasi’lePa]
- “esteira” [i Σ ’tePa]
- “aleijado” [ale’Zadu]
- “apaixonado” [apa Σ ô’nadu]
- “manteiga” [mã’tega]

- c) Tipo de Registro

A partir do *corpus* por nós analisado e, apesar de nossos informantes serem de nível de escolaridade que vai do primário ao segundo grau completo, percebeu-se que esse fator não seria tão relevante quanto o tipo de registro de fala por eles utilizados. Os dados foram obtidos a partir de conversas e entrevistas informais entre o pesquisador e o informante e entre médico e paciente, de forma a mais espontânea possível. Assim, vimos que o registro coloquial, informal e familiar é o que mais favorece a monotongação.

4. Conclusões

Ao iniciarmos este estudo do falar de Fortaleza, tínhamos as seguintes hipóteses:

- a) a ditongação de vogais puras e a monotongação de ditongos seriam marcas de variantes sociais relativas ao nível de escolaridade dos informantes e o tipo de registro de fala;
- b) aliada aos fatores diastráticos, estariam as variantes fonéticas, puramente lingüísticas, de contexto anterior e posterior, tonicidade e extensão da palavra;

A hipótese de variante regional cearense ou mesmo nordestina está totalmente descartada uma vez o que os mesmos fenômenos ocorrem em diferentes regiões do país, comprovados por trabalhos de estudiosos que analisaram esses falares regionais, como o de Amaral (1920), para São Paulo; Monteiro (1933), para o Ceará; Marroquim (1934), para Alagoas e Pernambuco; Teixeira (1938), para Minas Gerais; Paes (1938) para o Rio Grande do Sul; Teixeira (1944), para Goiás; Nascentes (1953), para o Rio de Janeiro; e mais modernamente, Veado (1983), para Minas Gerais; Meneghini (1983) para Ibiriçá - RS; Mota (1986), para Sergipe; Paladino Neto (1990), para o Rio de Janeiro; Silva (1994) para o Rio de Janeiro; Paiva (1996) para o Rio de Janeiro; Cabreira (1996), para Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre; Silva (1997), para a Paraíba e Araújo (2000) para o Ceará.

Nossa pesquisa confirmou parcialmente a hipótese da variante social, uma vez que se por um lado a escolaridade teve pequena importância, por outro, o registro de fala foi decisivo para a ditongação e monotongação. Os resultados confirmaram completamente a hipótese de variante fonética.

Assim, o fenômeno da ditongação e da monotongação no falar de Fortaleza não é diatópico, é parcialmente diastrático e completamente lingüístico: fonético por excelência.

5. Referências Bibliográficas

- AGUIAR, Martins de. Fonética do português do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*, tomo LI, ano LI, Fortaleza, 1937.
- AMARAL, A. *O dialeto caipira*. São Paulo: O Livro, 1920.
- ARAGÃO, M. S. S. de et SOARES, M.E. *A linguagem falada em Fortaleza - Diálogos entre informantes e documentadores - materiais para estudo*. Fortaleza: UFC, 1996.
- ARAÚJO, A. A. *A monotongação na norma culta de Fortaleza*. Fortaleza: UFC, 2000 (Dissertação de Mestrado).
- ARAÚJO, M. F. R. de. Considerações sobre a monotongação do ditongo decrescente [Ey] no dialeto de Caxias (MA). *Revista Letras PUC-Campinas* 19 (1/2) 121-137, dez. 2000.
- BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *DELTA*, 5/2, p. 185-224, 1989.
- _____. O ditongo em português. *Boletim da ABRALIN*, n. 11, p. 51-58, jun.1991.
- _____. Ditongos derivados. *DELTA*, v. 10, n. especial, p. 123-140, 1994.
- _____. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2ª ed. Revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- CABREIRA, S.H. *A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre*. Porto Alegre, PUC/RS, 1996.(Dissertação de Mestrado).
- CÂMARA JR. J. M. *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- _____. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- COELHO, Izate Lehamkuhl et NAUMANN, Isaura M.L. A supressão do [y] no ditongo decrescente [ey] / monotongação. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE LÍNGUA FALADA e ENSINO I. Maceió, 1994, p. 199-206.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

- _____. *A first dictionary of linguistics and phonetics*. London: André Deutsch, 1980.
- DIAS, Josiane da Luz. O apagamento das semivogais nos ditongos decrescentes no dialeto curitibano. *Fragmenta*, n. 10, p. 59-69, 1993 - UFPR.
- ELIA, S. E. *Ensaio de filologia e lingüística*. Coleção Littera, n. 7. Rio de Janeiro: 1975.
- _____. *A unidade lingüística do Brasil - condicionamentos geo-econômicos*. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- HARTMANN, R.R. et STORK, F.C. *Dictionary of language and linguistics*. London: Applied Science Publishers, 1976.
- LEMLE, M. Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa. In: *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 53/57, 1975, p. 61-94.
- MARROQUIM, M. *A língua do nordeste: Alagoas e Pernambuco*. São Paulo: Nacional, 1934
- MATTHEWS, P. *The concise Oxford dictionary of linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- MENEGHINI, F. M. *O fenômeno da monotongação em Ibiaçá*. Porto Alegre, PUC-RS, 1983. (Dissertação de Mestrado).
- MONTEIRO, C. *A linguagem dos cantadores*. Rio de Janeiro: 1933.
- MONTEIRO, José Lemos. Fontes bibliográficas para o estudo do falar cearense. *Revista da Academia Cearense de Língua Portuguesa*. Fortaleza, anos 9-11, n. 9, p. 68-94, 1988-1990.
- MOTA, J. Variação entre e e ei em Sergipe. *Estudos Lingüísticos e Literários*, 5, UFBA, p. 119-128, 1986.
- NASCENTES, A. *O linguajar carioca*; Rio de Janeiro: Simões, 1953.
- PAES, E.F. *Alguns aspectos da fonética riograndense*. Porto Alegre: s.ed. 1938.
- PAIVA, M. da C. de. A supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: SILVA, G. M. de O. et SCHERRE, M. M. P.(Orgs.) *Padrões sociolingüísticos - análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996, p. 219-135.
- PALADINO NETO, L. *Os ditongos do dialeto carioca*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990. (Dissertação de Mestrado)
- SERAINE, Florival. Relações entre níveis de norma na fala atual de Fortaleza. In: SERAINE, Florival. *Linguagem e cultura - estudos e ensaios*. Fortaleza: Secretaria
- _____. *Dicionário de termos populares* (registrados no Ceará). Fortaleza: Stylus, 1991
- SILVA, E. V. da. A monotongação de [ey] e [ay] nos falares fluminenses. *Graphos*, João Pessoa, v.2. n. 1, UFPB, p. 54-59, jan. 1997.
- SILVA, F. de S. O fenômeno da monotongação em João Pessoa. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS, I. João Pessoa: UFPB, p. 75-80, 1997.
- TEIXEIRA, J. A. *O falar mineiro*. Separata da Revista do Arquivo Municipal, 1938.
- _____. *Estudos de dialetologia portuguesa - A linguagem de Goiás*. São Paulo: s.ed. 1944.
- TRASK, R. L. *A dictionary of phonetics and phonology* London/New York: Routledge, 1996.
- VEADO, R.M. Redução de ditongo: uma variável sociolingüística. In: VEADO, R. M.(Org.) *Ensaio de lingüística*. Cadernos de lingüística e teoria da literatura. Belo Horizonte: UFMG, 9:208-29, 1983.
- XAVIER, M. F. et MATEUS, M.H. M. *Dicionário de termos lingüísticos- V. I*. Lisboa: Cosmos, s.d.

